

Humanização pediátrica

Artigo relacionado a humanização pediátrica ou sobre projetos desenvolvidos no hospital

A VIDA E A ARTE DO ENCONTRO... DESENCONTROS NO LAÇO MAE - BEBÊ LIFE AND THE ART OF RELATIONSHIP... DISSONANCES IN THE MOTHER - BABY BOND

Lia Batista Valseth

Mestre em Psicopatologia e Psicanálise da Criança e Adolescente. Professora do Institut Britanique de Formation aux Soins Infirmiers. Membro da Associação Chrysalides (Programme de Réussite Educative). Nice, França.

RESUMO

Neste artigo tratamos da importância do brincar na relação pais-bebês. Desde o início, os cuidados precoces dirigidos ao bebê favorecem o jogo simbólico, um aspecto fundamental para que o bebê possa progressivamente criar o seu próprio espaço psíquico. Esta dimensão lúdica, normalmente presente desde os primeiros cuidados, pode por vezes se encontrar ausente. As alterações da capacidade materna em traduzir os ditos do bebê, são o que caracteriza as patologias do laço. No momento da construção do laço, o trabalho do psicanalista permite introduzir um novo brincar, cujo efeito é terapêutico.

Palavras-chave: Criança, Relações Mãe-Filho, Espaço Transicional.

ABSTRACT

This article looks into the importance of play in the mother-baby relationship. Early care of the infant favors the development of symbolic play—an essential aid in the creation of the baby's own psychological space. The dimension of play, which is normally present since the first months of care, may however be absent in some cases. The inability of the mother to interpret the baby's communication can introduce dissonances in the relationship. At the time of the establishment of the mother-baby bond, the work of the psychoanalyst introduces a new form of play with therapeutic effects.

Key words: Child, Mother-Child Relations, Transitional Space.

Mas afinal, para que serve mesmo um psicólogo/psicanalista de bebês? O que ele faz na sua intervenção? Bebê não fala! Esta pergunta eu me fiz, no começo da minha formação de psicóloga/psicanalista. Em seguida, durante a minha atuação como profissional, ela me foi feita tantas outras vezes que já nem me recordo mais.

Acredito que jamais teria achado os meandros de uma resposta se não tivesse conhecido a obra de Winnicott. Esse pediatra inglês que soube como ninguém, observar, escutar, não o bebê, que segundo ele, sozinho não existia, mas o bebê e a pessoa que toma conta dele. Na maioria das vezes, a mãe.

Vários anos trabalhando em um abrigo (crianças de 0 a 3 anos) do sistema francês de proteção à infância tive a oportunidade de ter muitos encontros fortuitos com mães + bebês + pais que me ensinaram muitas coisas.

O que fazer quando nos braços de sua mãe um bebê não encontra conforto? Ou quando durante minutos (que parecem horas intermináveis) os olhares da mãe e do bebê não se cruzam?

O laço mãe-bebê é algo tão sagrado, que conseguir dissecá-lo, estudá-lo para enfim formular hipóteses de intervenção é um árduo trabalho. Pensando no que nos ensinou Winnicott, que o brincar é a base de tudo, alguns prováveis caminhos foram se formando.

O que vemos quando olhamos para uma díade mãe-bebê?

Tentemos transpor esta imagem sobre outras imagens. Imaginem casais que dançam... Uns dançam valsa, outros xote, outros forró e alguns dançam funk! Desta maneira, quando vemos díades mães-bebê que dançam valsa, não nos cansamos de olhar, no entanto, frente às díades que dançam FUNK, ficamos à espreita, esperando quando a música vai acabar! Sem citar aquelas, que da dança, passam diretamente para uma luta marcial! Esta ligação entre a mãe e o bebê, é o que chama-

mos de laço. Vejamos, no que diz respeito ao laço, do que ele é feito? Começamos pela mãe. É ela que vai oferecer ao bebê a ilusão de que ele está não só na origem do mundo, mas também na satisfação dos seus desejos. Esta ilusão seria a transição necessária para que o bebê tenha acesso à realidade externa.

O ir e vir entre a sua realidade interna e a externa é feito através do brincar. Esta brincadeira vai se tornando aos poucos um jogo simbólico. Ela se transformará e, aos poucos ocorrerá à criação de uma representação de um objeto simbólico (uma coisa irá representar uma outra). No entanto, a superposição do mundo interno e da realidade exterior que chamamos de espaço transicional, só pode ocorrer se o meio ambiente for favorável.

Neste espaço, o objeto materno possui uma importância vital, pois o bebê no seu brincar-aprendizado vai tentar aos poucos introduzir outros objetos que consigam representar a presença da mãe quando ela se ausenta. Porém, é preciso que a mãe aceite o objeto escolhido pelo bebê (algumas mães recusam o uso da chupeta!). Desta maneira, o jogo só vai então começar quando a mãe suportar que seu bebê possa estar sem a sua presença contínua.

Condição inequívoca, ela, a mãe, deve autorizar o bebê a brincar, e dela se divertir com a brincadeira e lhe oferecer brinquedos. Traduzindo em miúdos, se trata aqui da capacidade da mãe de se ajustar as propostas das brincadeiras do seu bebê, de estar disponível de compartilhar tanto o prazer como a sobrevivência dos seus ataques e da sua cruel tirania. Esta maleabilidade requer da mãe, saber dividir uma ilusão, um mundo de sonhos. Requer também, e, sobretudo, a capacidade de antecipar, de supor que através dos seus gestos, balbucios, olhares, o bebê tem algo a dizer.

Nesta suposição a mãe vai colocando em palavras (símbolos) os sentimentos, os desejos, os humores, deste pequeno ser que está a caminho da humanização. No entanto, brincar com os bebês/crianças

necessita de uma aptidão a se adaptar ao estilo do bebê. E esta qualidade materna quando está alterada chamamos de “*patologias do laço mãe-bebê*”.

Nesse momento, o psicólogo/psicanalista, pode oferecer à mãe a possibilidade de vir a ser este objeto do brincar do seu bebê e, por consequência ser o “*mestre de cerimônias*” das ilusões do bebê. A mãe, os pais, os adultos que cercam o bebê, inventam com ele trocas que o estimulam, que o excitam ou o acalmam, em uma participação emocional, afetiva e fantasmática mais ou menos adequada. Sorrisos, olhares, maneiras de tocar de falar, tudo pode ser uma ocasião para o brincar.

Desta maneira as brincadeiras de trocas, auto-éroticas, com o próprio corpo, com os objetos, são sempre ritmadas pela presença/ausência: operação de ligação, criação da capacidade de estar só e em seguida o acesso ao mundo simbólico. O brincar será durante toda a pequena infância uma construção de cenários.

O brincar permite à criança que, sendo sujeito, ser ao mesmo tempo, o mestre do universo no interior da sua imaginação. Para o psicólogo/psicanalista, a qualidade das primeiras brincadeiras/trocas e dos prazeres associados aos cuidados maternos (aleitamento, banhos, trocas de fralda) são um indicador essencial da qualidade do laço.

Desta maneira, as terapias mãe-bebê, são a ocasião ideal de ajudar esta área transitória necessária aos diferentes participantes. São também o lugar para se interpretar as angústias de separação. Intervindo sobre o laço, entre os pais e o bebê e a sua qualidade, o psicólogo/psicanalista faz o delicado trabalho de tecer com eles um espaço de jogo sem precisar intervir em demasia.

Segundo Winnicott, o princípio da terapia pais-bebê é o de ESTAR com o bebê e ao mesmo tempo com os seus pais. Mas, e o bebê? Por seu lado, o

bebê não está somente à mercê do adulto que cuida dele. Desde o início, ele vai nos mostrar suas próprias capacidades de receber e fazer uso da enxurrada de apelos que circulam em seu entorno.

Um bebê que vai bem é capaz não só de responder as proposições lúdicas dos seus pais, mas, sobretudo, de iniciá-las. Frente a uma dificuldade parental de produzir um brincar pleno de prazer, grande parte do trabalho do profissional vai ser de promover este momento lúdico. O profissional tentará intervir fabricando uma “*ponte*”, fazendo girar a roda dos significantes proferidos pelos pais, que por vezes encontram-se aprisionados pelo “*não dito*”.

O brincar dos pais, lhes permite reencontrar a confiança na capacidade de educar e de inventar os sonhos necessários para estarem bem com os seus filhos. Quais seriam então as diferenças do brincar com ou sem a presença de um psicanalista?

O analista que recebe um bebê recebe também uma família. Nos escritos de Jenny Aubry, Lacan dizia: “*O sintoma de uma criança, pode estar no lugar de uma resposta ao que há de sintomatológico na estrutura familiar*”. Desta maneira, o sintoma pode representar a verdade sobre o casal parental. Assim, quando um bebê apresenta uma sintomatologia (distúrbios do sono, da alimentação, da linguagem), este sintoma é portador de um dito que pode, se achar prisioneiro, por vezes, de duas gerações atrás. Neste encontro entre o psicólogo/psicanalista, o bebê e a família, a qualidade do brincar serve no início, como diagnóstico do laço e o ato a posteriori de introduzir um novo brincar, como intervenção terapêutica.

O brincar é assim, a mola propulsora do vir a ser do sujeitinho. Como dizia Winnicott “*Existe um desenvolvimento direto que vai dos fenômenos transicionais ao brincar, do brincar ao brincar-partilhado e daí às experiências culturais (aprendizados...)*”.

REFERÊNCIAS

1. Brazelton, T, Cramer, B. Les premiers liens: l'attachement parents-bébé vu par un pédiatre et par un psychiatre, Paris, Calman-Levy.
2. Caron-Lefevre M. Traitement psychanalytique du bébé avec ses parents. Paris: Edition in Press; 2005. (coll. »L'enfant, la psychiatrie et le psychanalyste).
3. Dethiville L, Donald Winnicott. Une nouvelle Approche. Paris: CampagnePremière; 2008.
4. Diatkine R. L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie. Nêuchatel: Delacheaux & Niestlé; 1994.
5. Freud S. (1923). Pulsions et destins des pulsions. In: Métapsychologie. Paris; Gallimard; 1976. (coll. Idées)
6. Lacan J. Ecrits à Jenny Aubry. Ornicar . Avril-juin 1986; 37:13-14.
7. Laznik MC. Langage du très jeune enfant. Revue Psychanalyse et Enfance du Centre Alfre Binet – Paris XIII. Paris:Editions du Monde Interne; 2000.
8. Winnicott D. Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1978.
9. Winnicott D. Jeu et réalité, l'espace potentiel. Paris: Gallimard; 1971.

Conflito de Interesse: Não declarado

Submetido: 12/05/11

Aprovado: 30/05/11

CORRESPONDÊNCIA:

Lia Batista Valseth

E-mail: batistalia@gmail.com